Reminiscencias de um simples

Ao CRUZ ABREU, abalisado e elegante chronista de factos e coisas do Ceará.

Raul Buejo

Quando, após dez annos de ostracismo, o partido liberal voltou ao poder com o Ministerio de 5 de Janeiro de 1878, organizado pelo Visconde de Sinimbú, já não existia o chefe desse partido no Ceará, o Senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, fallecido em 2 de Setembro do anno anterior.

Não obstante o prestigio de que dispunha, assim na Provincia como na Côrte, não só pelo seu talento e erudição como pelas relações que mantinha com os mais preeminentes representantes da politica do Imperio, que lhe dispensavam franca e merecida consideração, o Senador Pompeu tinha em seu partido uma corrente que, se o não hostilizava, mostrava-se ciosa desse prestigio e mal se conformava com a ascendencia do preclaro e inolvidavel brazileiro.

Essa corrente era a familia Paula Pessoa, uma das maiores do Ceará e muito disseminada em todo o norte da Provincia.

Com o desapparecimento do Senador Pompeu a familia Paula Pessoa, que — devemos dizer como preito á verdade — contava em seu seio avultado numero de varões illustres, teve arredado de seu caminho qualquer outro vulto que pudesse, com vantagem, disputar a chefia do partido ao Conselheiro Vicente Alves de Paula Pessoa.

Dahi o facto de haver o Ministerio Sinimbú nomeado Presidente da Provincia o Dr. José Julio de Albuquerque Barros, membro dos mais eminentes da familia Paula Pessoa (mais tarde Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul e Barão de Sobral, cujo nome, como Director da Secretaria da Agricultura, se vê no autographo da Lei nº. 3.353, de 13 de Maio de 1888, que declarou extincta a escravidão no Brazil).

Como era natural, José Julio orientou a sua administração em perfeita harmonia de vistas com o chefe Paula Pessoa. Como era tambem natural, os remanescentes do partido *pompeu*, entre os quaes havia uma pleiade de homens de merito, a cuja frente se achavam o Conselheiro José Liberato Barrozo e o Dr. Nogueira Accioly (genro do Senador Pompeu), se consideraram preteridos e

menoscabados e resolveram não se submetter ao bastão do Conselhei ro Vicente Alves e de seu logar-tenente, o Dr. Rodrigues Junio cunhado delle. (*).

Mas o Ceará atravessava então uma quadra de verdadeir desolação. A secca de 1877 a 1879, o flagello maior que já passo por aquella terra tão heroica quão desventurada, não permitti aos *pompeus* assumirem uma attitude decisiva e efficaz, pelo qu aguardaram elles que terminasse a secca e houvesse mudança d Ministerio, na esperança de que viria um outro Presidente que, ex tranho á Provincia, fizesse uma politica de moderação e de justiç menos exclusivista.

Succedeu uma e outra coisa, isto é, a secca terminou com anno de 1879 e o Ministerio Sinimbú foi substituido pelo Gabine de 28 de Março de 1880, tambem liberal, presidido pelo Conselheir Saraiva.

Mas o Delegado desse Gabinete na Provincia não era o homem esperado pela dissidencia *pompeu*. A 2 de Julho desse anno assu mia a Presidencia o Conselheiro André Augusto de Padua Fleur goyano, cuja administração lhe foi mais vexatoria que a anterior.

Perdida toda a esperança de melhorar no momento a situaçã em que se encontravam, aquelles liberaes congregaram-se e form ram um novo partido, chefiado no Rio de Janeiro pelo Conselhei José Liberato e dirigido na Provincia pelo Dr. Nogueira Acciol e a 8 de Junho fundaram a *Gazeta do Norte*, orgão do partid cujo corpo redaccional se compunha de Thomaz Pompeu (filh João Brigido, Julio Cesar, Joaquim Bento, João Lopes, Virgil Brigido, João Camara, Fenelon Bomilcar da Cunha, Gil Amora outros.

Entretanto, o ostracismo a que foram votados os *pompe* mais e mais se apertava, como bem o demonstra a eleição procedi a 5 de Dezembro do mesmo anno (1880) para preenchimento de tr vagas no Senado, para as quaes foram eleitos e reconhecidos tr liberaes *paula:* o Conselheiro Vicente Alves (chefe do partido), Dr. Liberato de Castro Carreira e o Engenheiro João Ernesto Viria de Medeiros.

Deixando a Presidencia, o Conselheiro Padua Fleury foi su stituido em 1º de Abril de 1881 pelo Senador Leão Velloso, q vinha pela segunda vez administrar a Provincia, trazendo co seu Secretario o Dr. Antonio Felizardo Cupertino do Amaral.

Embora não tivesse servido á politica dos *pompeus*, Le Velloso não os hostilizou de modo algum, administrando com profi encia e com a calma e serenidade que lhe eram habituaes, ta mais indispensaveis quanto a campanha abolicionista chegava uma effervescencia tal, que a menor imprudencia por parte do

---

(*) Não é bem assim. Vicente Alves, após a morte de Pomp foi considerado chefe do partido. Pediu a seus amigos que o fizessem chefe, deixassem-no na magistratura e no silencio do gabinete, na intimidade das letras juridicas, que tanto lhe apra: — Cruz Abreu.

verno poderia occasionar graves consequencias. Para se aquilatar a agitação reinante, basta lembrar o facto occorrido com o Senador pelo Maranhão, Conselheiro Nunes Gonsalves (posteriormente Visconde de São Luiz do Maranhão e que fôra Presidente do Ceará em 1859), facto que, trinta annos depois, foi narrado pelo Dr. Satyro Dias em artigo intitulado *A Libertação do Ceará* — 25 de Março de 1884 —, publicado no *Jornal de Noticias* da Bahia, de 12 de Maio de 1911 e reproduzido na *Revista da Academia Cearense* do mesmo anno. São desse artigo de Satyro Dias os seguintes trechos:

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

> "O *25 de Março de 1884* e o *13 de Maio de 1888* se equivalem e completam. Sem o primeiro, o segundo não chegaria tão cedo: sem este, não teria aquelle tamanho relevo na historia patria: e, neste sentido, vale a pena reler o altissimo juizo de Joaquim Nabuco, proferido no Congresso anti-escravista de Paris, em 1900: — "Os escravos do norte, disse elle, eram exportados em massa para o sul, onde os preços eram quadruplos. No Ceará, para chegarem a bordo dos paquetes que os levavam para os mercados da venda, tinham que ser trazidos na pequena embarcação chamada jangada. Movidos pelos abolicionistas, cujos chefes eram João Cordeiro e José Amaral, os jangadeiros, com um Nascimento á frente, negavam-se a transportar a carga humana. Houve *grèves*, quasi combates; mas a cabotagem negra foi bloqueada, e a escravidão, fechada na provincia, dentro em pouco desapparecia por um esforço do amor proprio local, pelo desejo do Ceará de ser a primeira procia de sólo livre no paiz. A jangada, o pequeno soalho á flor das ondas, o destroço fluctuante no qual os pescadores percorrem os mares verdes do norte do Brazil, tornou-se o simbolo abolicionista. A emancipação do Ceará foi o acontecimento decisivo para a causa abolicionista. O effeito moral da existencia de uma provincia livre, resgatada, e desde então fechada para a escravidão, foi immenso, e o effeito politico immediato." —

. . . . . .

Continúa Satyro Dias:

> "Deste auctorizado julgamento do egregio propagandista da extincção do elemento servil no Brazil, não ha que deduzir somente a influencia preponderante da libertação do Ceará na solução final da questão: ha que admirar tambem o vigor e perfeição dos traços com que elle pinta a situação geral do problema na provincia, e o esboço magistral da legendaria phase da

luta no mar, travada a céu aberto pelos intrepidos jangadeiros, sob a direcção destemida do heroico Nascimento.

"Para dar um signal do que foi, na campanha cearense, essa verdadeira muralha fluctuante, constituida pelas jangadas, e tenazmente opposta á entrada e sahida da *mercadoria negra*, basta lembrar um dos muitos episodios que então se passaram, á flor daquelles verdes mares bravios da terra de José de Alencar:

Fundeara certa manhã, no porto de Fortaleza, um dos vapores nacionaes da carreira de navegação entre as provincias do Norte e o Rio de Janeiro. Viajava nelle o Senador Nunes Gonsalves, trazendo comsigo do Maranhão a familia e nove escravos, por ir de muda para aquella capital. Poucas horas depois de ancorado o navio, haviam os escravos desapparecido de bordo. Avisado o Senador do *audacioso passe* dos jangadeiros, reclamou para terra providencias immediatas, e a policia poz-se em movimento de caça aos fugitivos. O Presidente da provincia, que era o Senador Leão Velloso, homem de grande prestigio e auctoridade pelos seus talentos e posição politica, tomou o caso a peito e pela tarde lhe entrava por palacio o chefe de policia trazendo a noticia de que os escravos haviam sido capturados e iam embarcar sob a guarda da milicia da cidade, reforçada por um contingente da tropa de linha. Eram de prudencia estas cautelas e seguranças porque o facto da fuga e caça aos negros havia posto toda a capital em alvoroço de hostilidade. Pois o apparato militar nada valeu na praia de embarque, coalhada de povo, e do meio da tropa, evidentemente contaminada do microbio abolicionista, fugiram de novo os escravos aos olhos do chefe de policia attonito, desta vez para sempre, porque delles não houveram mais noticias as auctoridades provinciaes, e o Senado maranhense teve que seguir viagem desenganado de rehaver a sua perdida propriedade. Dahi se evidenciou a grande intensidade a que havia chegado o sentimento abolicionista no Ceará, e o perigo a que se exporiam aquelles que o tentassem abafar, ou simplesmente contrariar. Se nos limites estreitos do porto, scenas iguaes se repetiam frequentemente, imagine-se quantos, e quão mais dramaticas, não se desenrolavam na capital e pelo interior!"

. . . . . .

Esse chefe de policia a quem se referia o Dr. Satyro Dias era o maranhense Dr. Torquato Mendes Vianna, escravocrata empedernido e que pouco depois desse facto desmoralizou-se inteiramente quando, baldadamente, procurou fazer effectivo o embarque